



## **Curando Sementes e Plantando Vidas - a memória do alimento Tradicional da Comunidade Tingui – Botó**

Healing Seeds and Planting Lives - the memory of the Traditional foods of the Community Tingui – Botó.

<sup>1</sup>ABA-Agroecologia, SILVA, Domênica.(rodrigues.domenica@gmail.com); <sup>2</sup>UFRJ, SOUZA, Sônia (soniamelo03@gmail.com); Design Popular, <sup>3</sup>NEVES, Dante (dantenarede@gmail.com), <sup>4</sup>CAMPOS, Marcelo de (tinguifilmes@gmail.com), <sup>5</sup> SANTOS, Kaliane Maria(kalims2101@gmail.com)

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

Para compreender os significados da memória ancestral do alimento no campo e na cidade, precisamos entender que esse processo se dá a partir de uma construção ligada à memória coletiva do alimento. Que nos dias de hoje, com o avanço da crise climática e perda de sementes, além da atual fase do modelo de desenvolvimento do agronegócio que se contrapõe ao modelo agroecológico de pensar e viver de povos indígenas, observamos que na comunidade indígena Tingui Botó no baixo São Francisco, no município de Feira Grande, no Estado de Alagoas, por causa do avanço do racismo ambiental e a diminuição da produção de alimentos pelos povos da aldeia, crianças foram diagnosticadas com diabetes infantil dado o consumo excessivo de alimentos ultraprocessados, dessa forma podemos afirmar que e toda comunidade vem sofrendo com insegurança alimentar e nutricional.

O principal objetivo diante da retomada dos territórios das fazendas Ypióca 1 e 2 é garantir a criação de estratégias produção de alimento e proporcionar segurança nutricional e alimentar, saúde coletiva e geração de trabalho e renda para a comunidade e os aldeados, respeitando o movimento tradicional do fazer comunitário e o vento das matas do Ouricuri território sagrado Tingui - Botó.

A relevância desse texto se dá pela sensibilidade do momento em que o Brasil volta para o mapa da fome no ano de 2021, conforme o Relatório da ONU que traz dados muito relevantes acerca do tema e apresenta para o mundo um país onde 60 milhões de pessoas, ou seja, quase um terço da população brasileira foi impactada pela insegurança alimentar em 2021. E não foi diferente com os povos indígenas e comunidades tradicionais.

Por lei, os povos e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem formas próprias de organização social. Dois povos se distinguem nesse cenário: “os indígenas e os quilombolas”. Estes últimos serão investigados pela primeira vez no Censo 2022. Por agora, iremos trazer alguns traços das condições sobre a atual segurança alimentar da etnia Tingui Botó, a partir do projeto Plantando Sementes Curando Vidas que se realizou no ano de



2021, no baixo São Francisco, no município de Feira Grande, Alagoas. Participaram dessa construção mulheres dos povos: Tingui-Botó, Kariri Xocó, Karapotó Plaki-ô, Xukuru Kariri Mata da Cafurna, Xukuru Kariri Aldeia Coité e presença de uma Intercambista: Povo Paiter Suruí.

## Desenvolvimento da experiência: Povos Indígenas de Alagoas e o Acesso aos Alimentos

Constatou-se que durante a pandemia boa parte da população brasileira passou fome. Impacto este que não seria diferente para as comunidades tradicionais e/ou indígenas que também sofreram com a ausência de alimento. Tomamos emprestado o conceito de Agricultura Familiar que no Brasil é a principal responsável por mais de 70% da produção dos alimentos e emprega 74% da mão-de-obra do campo, que são disponibilizados para o consumo da população brasileira. No entanto, paradoxalmente, conta com apenas 14% do crédito agrícola e 24% das terras dedicadas à agropecuária. Ela é constituída de pequenos produtores rurais, povos e comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, mas, apesar desta importância, as políticas públicas adotadas ainda privilegiam os latifundiários.

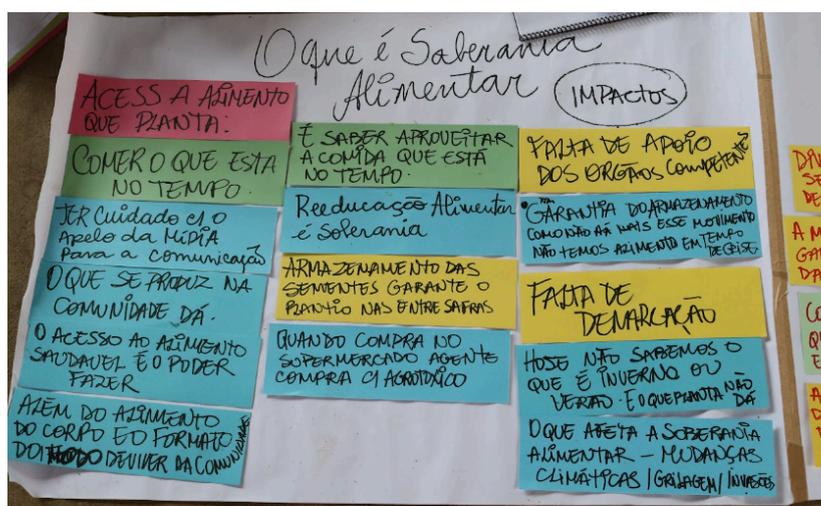


Figura SEQ Figura 1\* ARABIC 1 Seminário Mulheres indígenas – AL Foto: Vivian do Carmo Loch.

Mas por que a população teve dificuldade de acesso ao alimento e consequentemente passou por uma crise alimentar durante a pandemia? Refletindo sobre essa questão, a hipótese que norteou a mente dos pesquisadores na hora da escrita do projeto foi de elaborar uma pesquisa e pensar também um lugar em que os indígenas pudessem guardar as sementes e garantir com que esse alimento tradicional não deixe de existir dentro das comunidades indígenas.

Segundo a declaração de uma das mulheres participantes do I encontro de Mulheres Indígenas em maio de 2022, o hábito alimentar dos povos aldeados mudaram e isso também é o que afirma (Popkin, v47, p333, 1993) “Nas últimas



décadas, os brasileiros, seguindo uma tendência mundial, vêm mudando os seus hábitos alimentares”. Com essa afirmação podemos dizer que, para garantir uma comida/alimento saudável, a condição *pari passu* é garantir o direito e a permanência na terra. Esse é um espaço sagrado para os indígenas, não pelo seu valor de troca, mas pelo valor de uso comunal por ser um espaço de encontro com as forças da natureza onde geram a vida

## Desafios

Contudo, essas afirmações também retratam a necessidade de luta pela terra e a exigibilidade de direitos à terra e a produzir no território porque, em se tratando de comunidades indígenas, a luta pela terra é coletiva, uma experiência coletiva por direitos sociais onde o ganho será de todos. No entanto, o maior desafio ainda é pelo reconhecimento das suas tradições, de seus rituais, seus costumes, de uma memória ancestral dos alimentos que são perpassados dos mais velhos aos mais novos através da cultura.

## Principais resultados alcançados

Como resultado das ações realizadas que envolveram as quatro mulheres da etnia Tingui-Botó em Alagoas, podemos considerar que proporcionou espaço de aprendizado, troca e reflexão sobre a memória ancestral do alimento através do poder comunal das mulheres, do movimento indígena tanto no passado, quanto no presente, sem perder de vista a pluralidade inerente das diversas experiências históricas indígenas e a reescrita de suas lutas na contemporaneidade.

## Disseminação da experiência

A revisão de literatura sobre o conceito de memória coletiva será embasada em Halbwachs, que pontua serem os camponeses detentores de um saber peculiar e construídos ao longo de gerações, repassados de pai para filho e que “incorpora o exame das instituições concretas nas quais está implícito o homem no dia a dia na trama da vida coletiva” (HALBWACHS, 2006, p.15).



Figura SEQ Figura 1\* ARABIC 2 Seminário Mulheres Indígenas – AL. Foto: Domênica Rodrigues



Foram realizadas quatro ações formativas distintas que serviram de base para solidificar as ações teórico metodológicas descritas neste projeto, somado às atividades formativas tivemos como ação principal do projeto três ações de mutirão para a construção de uma casa da memória das sementes Tingui e duas de cercamento e construção de um viveiro de ervas medicinais e plantas nativas da caatinga. De braços dados com a Pedagogia do Oprimido (FREIRE,1968), realizamos uma oficina temática com crianças da escola indígena da comunidade Tingui – Botó, um intercâmbio de saberes e um seminário final com mulheres lideranças indígenas. Entre as Comunidades Participantes: Tingui-Botó, Kariri Xocó, Karapotó Plaki-ô, Xukuru Kariri Mata da Cafurna, Xukuru Kariri Aldeia Coité e presença do Intercambista: Povo Paiter Suruí.

### Referências

Batista Filho, M.; Rissin, A. "A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais." *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2003.

Popkin, B. M. "Nutritional patterns and transitions. Populations and Development". *Review*, 19: 138-157, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.